

A CIDADE DE CURITIBA E OS IMIGRANTES ALEMÃES DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, UMA ANÁLISE DA IMPRENSA LOCAL*

Márcio de Oliveira**

Resumo: A cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná (Brasil) é conhecida por ser um dos mais importantes destinos de imigrantes durante toda a história da imigração no Brasil. Devido a seu perfil étnico particular – pequeno número proporcional de negros e pardos na população local desde meados do século XIX – a sociedade curitibana foi especialmente marcada pelos imigrantes europeus, em especial poloneses, alemães e italianos. No comércio das ruas do centro da cidade, ao final do século XIX, os estabelecimentos mantidos por imigrantes alemães superavam aqueles de todos os outros grupos imigrantes, com exceção dos luso-brasileiros. A sociedade local não ficou indiferente à eclosão da Primeira Guerra Mundial. No intuito de compreender as diversas reações e representações sobre os imigrantes durante os anos da guerra, esse trabalho analisa os principais jornais locais, entre 1914 e 1919, com especial ênfase ao período posterior à declaração de guerra pelo Brasil e o final do conflito. Como um todo, percebe-se que as opiniões locais acompanharam e seguiram as linhas de análise fixadas pelos jornais de circulação nacional editados no Rio de Janeiro e pela política externa brasileira, *cum grano salis*. Os imigrantes e descendentes de alemães foram alvos de manifestações de rejeição, mas também de apoio, demonstrando ter conquistado *droit de cité* na comunidade local, em que pese o estilo de vida teuto-brasileiro plenamente exibido tanto através das práticas culturais e religiosas e formas de organização civil.

Palavras-chave: Comunidade alemã. Curitiba. Primeira Guerra. Imprensa.

The city of Curitiba and German immigrants during the First World War, an analysis of the local press

Abstract: The city of Curitiba, capital of Paraná (Brazil) is known to be one of the most important destinations for immigrants throughout the history of immigration in Brazil. Due to their particular ethnic profile – small proportionate number of blacks and browns in the local population since the mid-nineteenth century – the Curitiba's society was especially marked by European immigrants, particularly Poles, Germans and Italians. In the streets trade in the center of the city, at the end of the nineteenth century, establishments maintained by German immigrants surpassed those of all other immigrant groups, except for the Luso-Brazilians. The local society was not indifferent to the outbreak of the First

* O conteúdo deste artigo foi apresentado e debatido no 54º Congresso Internacional dos Americanistas, Viena (2012), para o que o autor contou com apoio da CAPES (MEC).

** Doutor em Sociologia (Universidade de Paris V) e professor da Universidade Federal do Paraná (Brasil). E-mail: marciodeoliveira@ufpr.br

World War. In order to understand the various reactions and representations of immigrants during the war years, this paper analyzes the main local newspapers between 1914 and 1919, with particular emphasis on the period after the declaration of war by Brazil and end of the conflict. As a whole, it is clear that local views accompanied and followed the lines of analyses laid down by national newspapers edited in Rio de Janeiro and the Brazilian foreign policy, *cum grano salis*. Immigrants and descendants of Germans were targets for manifestations of rejection, but also support, demonstrating *droit de cité* in the local community, where the lifestyle of German-Brazilian was fully displayed through both cultural and religious practices and forms of civil organization.

Keywords: German community. Curitiba. First World War. Press.

INTRODUÇÃO

As consequências da forte presença de descendentes de imigrantes alemães, em especial na região sul do Brasil, tendo em vista as posições adotadas pelo governo brasileiro ao longo da Primeira Guerra Mundial, não são fáceis de serem estabelecidas. A neutralidade no conflito, adotada inicialmente, encontra sustentação em vários níveis. Ausência de informações precisas, distância e caráter europeu que a guerra assumiu em seus primeiros momentos, relações comerciais e acordos políticos entre o Brasil e os países beligerantes, receio de atizar rivalidades internas entre membros das comunidades de imigrantes alemães e cidadãos brasileiros, pequena capacidade bélica local. Não obstante, no seio de segmentos da elite intelectual brasileira desde o início do século XX, era presente o sentimento de germanofobia, misturado a temores pouco fundamentados de desnacionalização das regiões colonizadas por imigrantes alemães. Esses sentimentos foram acirrados após a deflagração do conflito. Ganharam contornos políticos claros, sendo recuperados inclusive nos anos que precederam à Segunda Guerra Mundial.

Às vésperas da deflagração do primeiro conflito mundial, a comunidade de origem alemã encontrava-se plenamente inserida nos três estados da região sul do Brasil, – tanto com suas igrejas, cultos e manifestações culturais e esportivas reconhecidas e atuantes – quanto ainda do ponto de vista econômico, com sua presença nos mais diversos setores produtivos. No caso paranaense, a trajetória da comunidade alemã caracteriza-se ainda pela consolidação de uma imagem positiva, aparentemente pouco abalada pelas duas guerras mundiais. Com efeito, nos anos 1950, dois intelectuais locais de renome nacional, Temístocles Linhares (1905-1993) e Wilson Martins (1921-2010)¹ publicam obras que enaltecem a presença alemã no

¹ Os títulos respectivos são “Paraná vivo: um retrato sem retoques” e “Um Brasil diferente”. Para maiores detalhes, ver Oliveira (2009).

Paraná, imputando-lhe virtudes no processo de modernização urbana, industrial e cultural do Estado, fazendo eco à obra do paranaense de origem alemã, Werner Aulich (1953), sobre o mesmo tema.²

Em termos gerais, havia, de um lado, um conflito em marcha e um sentimento de germanofobia repisado por segmentos das elites brasileiras. De outro, a trajetória social e econômica e os processos de integração de membros das comunidades às sociedades locais. Diante disso, pergunta-se: Acaso o sentimento de germanofobia foi ouvido ou repercutiu nas regiões com forte concentração de imigrantes alemães? E que dizer da integração dos alemães e descendentes às diversas sociedades locais? Teria sido ela um anteparo às manifestações antigermânicas ou mesmo variável importante na posição do governo brasileiro?

Com base nas questões acima, o presente trabalho investiga a forma como o conflito foi retratado na sociedade curitibana, por meio de estudo de caso da imprensa local. A escolha de Curitiba, capital do Estado do Paraná, justifica-se por se tratar de uma cidade que abrigava, à época do conflito, impressionante e original mosaico de imigrantes e descendentes, dentre os quais os alemães. Os órgãos de imprensa selecionados são: *Diário da Tarde*, *Jornal do Commercio*, *A República* e *Gazeta do Povo*. Neles, nos anos de 1914 a 1918, com particular atenção ao período posterior à entrada do Brasil em guerra, são analisadas notícias tendo a guerra como tema, com vistas a estabelecer possíveis relações entre o sentimento de germanofobia, o ideário oficial integracionista e o cotidiano da comunidade de origem alemã.

○ PARANÁ E A IMIGRAÇÃO

A província do Paraná foi uma das últimas a se constituir durante o período imperial brasileiro, tendo se emancipado de São Paulo apenas em 1854. Não surpreende que, comparando o Paraná com seus estados vizinhos do sul do Brasil, tratava-se do menos populoso. Em 1872, tinha apenas 127 mil habitantes, contra 159 mil habitantes no Estado de Santa Catarina e 446 mil habitantes no Estado do Rio Grande do Sul.³ O Paraná já havia conhecido, quando de sua emancipação, algumas experiências de colonização dirigidas por estrangeiros como, por exemplo, a “Colônia de Superagui”, fundada e dirigida por Charles-Henri Perret, e a “Colônia Teresa”, fundada

² Essa obra, publicada em edição bilingue, coloca em evidência as muitas contribuições de descendentes de alemães para o desenvolvimento do Paraná. Contudo, não se trata de uma obra propriamente científica. Foi, na verdade, encomendada pela “Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná”, por ocasião das festas do centenário da emancipação do estado do Paraná.

³ Recenseamento do Brasil, 1872. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>

⁴ Fundada por Faivre com apoio da Imperatriz Teresa Cristina, a colônia prosperou até a morte de seu fundador, quando aos poucos foi abandonada.

e dirigida pelo médico francês Jean Maurice Faivre (1795-1858).⁴ A partir da emancipação política, e isso em praticamente todos os relatórios dos presidentes da província enviados à Assembleia provincial,⁵ encontram-se menções favoráveis à colonização por imigrantes.

O primeiro presidente da província, Zacarias Góes (1815-1877), enumerou algumas das vantagens da colonização por imigrantes: cultivo de alimentos (considerado como uma alternativa econômica à tradicional pesca), catequização dos indígenas e a introdução de população estrangeira “laboriosa”. (Relatório, 1854 (1): 53-57). Contudo, inúmeras dificuldades entravaram a imigração até 1870, quando a província teria passado a agir de maneira mais direta em relação à imigração, em especial a partir da atuação do Presidente do Paraná, Lamenha Lins.

Tendo presidido a província do Paraná entre maio de 1875 e janeiro de 1878, Lins se dirigiu pela primeira vez à Assembleia legislativa em fevereiro de 1876. Demonstrando ser conhecedor do tema, diferenciou inicialmente a imigração espontânea da imigração oficial. Em seguida, localizando a história da imigração no interior da recente história do Império, afirmou que o sucesso das primeiras colônias de poloneses – que se instalaram na província a partir de 1870 – decorria de sua proximidade com a capital. Em termos práticos, Lins custeou a viagem dos novos imigrantes, estimulou a criação de novas colônias nos arredores de Curitiba e cuidou de sua infraestrutura e vias de acesso.

Ao final de sua longa presidência, durante a qual foram criadas as colônias Alfredo Chaves, Antônio Rebouças, Dantas, Dom Augusto, Dom Pedro, Inspetor Muricy, Lamenha, Orleans, Rivière, Santa Cândida, Santa Felicidade, aproximadamente 6 mil imigrantes poloneses e 2.500 imigrantes italianos viviam em Curitiba e seus arredores. Por tudo isso, não é exagero dizer que Lins estabeleceu, em termos econômicos e políticos, a relação entre colonização do território, desenvolvimento rural e imigração, elaborando uma verdadeira ideologia a respeito dos benefícios da imigração espontânea. Ao final desse período, uma consequência indelével havia sido produzida: os imigrantes já contribuíam com o povoamento e riqueza da província e esta imagem positiva não mais seria esquecida (OLIVEIRA, 2007).

Os anos que se seguiram à instauração da República coincidem com o grande fluxo de imigrantes para o Brasil. As razões do crescimento no fluxo migratório não devem ser procuradas nas ações organizadas pela jovem república brasileira, que, de maneira geral, manteve os mesmos princípios e benefícios do período imperial. Contudo, a Constituição Federal de

⁵ Existem dois tipos de relatórios que foram enviados entre 1854 e 1889 seja à Assembleia provincial, seja ainda ao futuro presidente da província, um pelo presidente e outro pelo vice-presidente. Cita-se sempre Relatório, ano, seguido do número 1 ou 2 entre parêntesis, e página, como a seguir: Relatório, 1873 (1): 43. Estes relatórios estão disponíveis no sítio www.crl.edu/content/brazil/pam.htm.

1891 transferiu aos estados o controle das terras públicas (ditas terras devolutas), fixando como livre a entrada de “estrangeiros válidos, aptos ao trabalho e não perseguidos pela justiça de seus países de origem”.⁶ Em 1894, a imigração e a colonização tornam-se competências exclusivas dos estados e o papel da União fica limitado ao controle dos portos e fronteiras e à primeira triagem dos imigrantes.

No Paraná, as ações empreendidas mantiveram-se, durante a última década do século XIX, praticamente as mesmas do período anterior, a saber, restritas à demarcação e a venda de lotes, acrescidas da prática de divulgar, nos chamados centros europeus, as vantagens que os futuros imigrantes encontrariam no estado. Até o ano de 1911, quando da fundação da Colônia de Carambeí por imigrantes holandeses, aproximadamente 83.000 novos imigrantes haviam se instalado em praticamente uma centena de novas colônias, criadas tanto pelo governo local que pelo governo central. Até 1934, os dados indicam 100.252 imigrantes que deram entrada no Estado. Dentre os grupos mais importantes, citam-se: poloneses (42%), ucranianos (14%), alemães (13%), italianos (9%) e russos (4%). Devido à origem dos imigrantes, o Paraná se consolidava como o estado mais eslavo do Brasil. Para o que interessa aqui, cabe notar ainda que 22% dos imigrantes eram alemães ou italianos. Somados aos muitos poloneses que, emigrados de regiões ocupadas pela Prússia, falavam alemão, constata-se uma base étnica que poderia trazer consequências quando da deflagração do primeiro conflito mundial.

○ BRASIL DURANTE A GUERRA

A historiografia brasileira não tem sido pródiga em análises sobre a importância da Primeira Guerra no Brasil, o único país sul-americano a ter tomado parte militarmente no conflito, ainda que de maneira lateral e restrita.⁷ O exame das fontes históricas indica que o conflito europeu, em seus anos iniciais, não é visto como propriamente mundial. Mas a deflagração do conflito reduziu drasticamente a entrada de imigrantes no Brasil. Enquanto no ano de 1913, os registros apontam para 192 mil entradas, no ano de 1914, apenas 82 mil imigrantes chegaram no país. Como um todo, enquanto na década 1904-1914, 1.085.869 imigrantes haviam chegado ao país, no período 1915-1918, eles foram apenas 111.648. Apenas para o Estado de São Paulo, o número de entradas passou de 119.758 em 1913 para 20.937 em

⁶ Havia, contudo, uma exceção feita aos «nativos da Ásia e da África que sópoderiam entrar no país com uma autorização do Congresso Nacional.»Decreto 258, 28 de junho de 1890 (Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Legislação Agrícola Brasileira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931).

⁷ A título de exemplo, no “Historia Geral da Civilização Brasileira”, apenas duas páginas, no tomo III, volume 2, são dedicadas ao assunto. Não obstante, Compagnon (2011) afirma que este ostracismo não é, contudo, característica particular da historiografia brasileira, senão recorrente, em menor ou maior grau, em todo o continente latino-americano.

1915.⁸ Analisando a bibliografia existente, pouco destaque é dado aos imigrantes alemães, apesar das preocupações em torno do caráter etnicamente homogêneo ou supostamente ameaçador das comunidades alemãs. Com efeito, já em 1906, o historiador, jornalista e crítico literário Silvio Romero (1851-1914) alertava para a existência de um *perigo alemão*, tendo por base afirmações desse tipo retiradas de obras francesas⁹ (Romero, 1910). Segundo ele, o fato desses grupos de imigrantes permanecerem “alemães” onde quer que se instalassem, os tornava parte do processo do “expansionismo germânico”. Romero (1910) afirmava ainda que os imigrantes alemães já teriam dominado largos setores da economia (indústria agrícola, comércio de importação e de exportação) na região sul do país, além de grandes quantidades de terra, sem, contudo, fornecer fontes ou dados precisos. Coerente com sua análise, Romero pedia que o tamanho das propriedades alemãs fosse limitado, que o uso da língua alemã fosse proibido e ainda que navios de guerra nacionais ficassem atracados em portos brasileiros.

O escritor e diplomata Graça Aranha (1868-1931), em seu romance *Canaã* (1902), também aborda o tema da imigração alemã. A questão ideológica que sustenta o romance é a incapacidade da criação de uma “civilização brasileira”, devido, entre outros, ao passado escravocrata. Por meio de dois personagens imigrantes alemães, Mikau e Lenz, Aranha opõe duas visões sobre o futuro do Brasil, ressaltando seu receio em relação a não integração dos descendentes à sociedade brasileira. Mas, fazendo eco às teses francesas de então, segundo as quais todas as raças civilizadas são capazes de fusão, Aranha (2002, p. 263) acredita que o papel dos descendentes de alemães deveria ser de contribuir, assimilando-se, para a formação da nação brasileira.

A questão alemã aparece de fato mais como pretexto ao diagnóstico já realizado do que propriamente um problema nacional. Mas à eclosão do conflito provoca mudanças nas atitudes do autor. Inicialmente neutro, Aranha adere à “Liga Brasileira pelos Aliados”, que se comenta a seguir. Além disso, traduz para o português a obra “Le plan germaniste démasqué”, do jornalista francês André Chéradame (1871-1948). Publicada em pleno conflito, em 1917, apenas um ano após ser publicada na França, a edição em língua portuguesa¹⁰ foi acrescida de um prefácio assinado por Aranha¹¹ e

⁸ Anuário Estatístico Brasileiro, 1920. Disponível no sítio www.biblioteca.ibge.gov.br

⁹ O “perigo alemão” denunciado por Romero tinha por referências os livros “Hambourg et l’Allemagne Contemporaine”, de Paul Rousiers, “Allemagne illustrée”, de Malte Brun e do suíço Jules Stoecklin, “Les colonies et l’émigration allemande”, em que a questão do “expansionismo” é diretamente abordada. A análise de Stoecklin não era a única do gênero. Ver igualmente, na mesma época, os trabalhos de Chéradame (1905) e Tonnelat (1908).

¹⁰ A obra foi editada pela Editora Garnier em edição única para Brasil e Portugal. Essa mesma editora também publicaria outras obras dos membros da Liga.

¹¹ Em seu prefácio, Aranha (1917) acusa os alemães de “serem povo de rapina e de invasão”, além de serem a “raça” menos assimilável.

de uma nota assinada pelos editores, em que está reafirmada a tese fundamental de Chéradame sobre o expansionismo presente no “plano germânico”.

A acusação de expansionismo, ligada à Alemanha e difundida em muitos círculos brasileiros, merece uma reflexão inicial. A acusação é crível, porém genérica. Isso porque, no contexto do neocolonialismo corrente ao longo do século XIX, todas as nações europeias pautavam sua política externa pela lógica imperial. Gertz (1991, 2004) e Magalhães (1998) relativizam os interesses coloniais alemães na América do Sul, falando de um “perigo alemão” possível e, portanto, justificado na perspectiva de setores nacionais, mas improvável, dadas as dificuldades militares inerentes a uma iniciativa desse porte. Mas as denúncias sobre a não integração das comunidades alemãs ou sobre as pretensões expansionistas do Império alemão não eram desprovidas de lastro e foram alimentadas tanto pela Lei Delbruck (1913), que estendia a nacionalidade alemã a todos os descendentes nascidos fora da Alemanha, quando pela atuação da *Liga Pangermânica* (Alldeutscher Verband)¹² cujo programa se contrapunha ao ideário integracionista das elites brasileiras (SKIDMORE, 1976). Em trabalho original, Seyferth (1989) analisou a atuação de um grupo da *Liga*, sediado na cidade de Blumenau (Estado de Santa Catarina), no início do século. Embora sempre negando o desejo de se constituir um “Estado dentro do Estado brasileiro”,¹³ o programa da *Liga* afirmava que o “primeiro objetivo apresentado nos estatutos diz respeito à união de todos os alemães e seus descendentes em todo o mundo, no interior de uma grande comunidade nacional, cuja maior garantia é a preservação da língua, da raça, da índole, dos costumes alemães. [...] Além disso, em nome da unidade nacional, a propaganda descartou qualquer possibilidade de assimilação [...]” (*Liga Pangermânica apud SEYFERTH*, 1989, p. 139).¹⁴

No rol das atitudes alemãs ditas expansionistas, cabe lembrar ainda o caso do navio de guerra alemão *Panther* que, em 1905, atracou no porto de Itajaí (SC), no intuito de, sem pedir autorização prévia às autoridades brasileiras, trazer a bordo um suposto desertor alemão. Comemorado efusivamente pela comunidade alemã de Blumenau, esse incidente, solucionado diplomaticamente, também contribuiu como exemplo das ações imperialistas alemãs.

¹² A “União de Todos os Alemães” (ou Liga Pangermânica) foi uma organização de direita criada em 1891 com o propósito de protestar contra todas as medidas governamentais que, segundo seus criadores, prejudicariam a nação alemã. No seu ideário estavam, entre outros, a condenação a todo tipo de miscigenação. Ver Burns (1981).

¹³ Note-se que nas análises de Romero e de Aranha, não se encontram referências à atuação da Liga no Brasil.

¹⁴ Segundo a autora, a tese antiassimilacionista manteve-se intacta e foi regularmente difundida pelo do jornal “Der Urwaldsbote Kalender” até 1917, quando foram suspensas as publicações em língua alemã. Notícias no mesmo jornal julgavam ser fantasiosas “as especulações sobre o perigo alemão...” (Seyferth, 1989, p. 153).

Embora houvesse um conflito latente entre visões distintas sobre o futuro dos imigrantes alemães em relação à sociedade nacional, a neutralidade foi a tônica do Brasil, segundo declaração expressa nesse sentido realizada em 4 de agosto de 1914, mesma data da declaração semelhante feita pelo Presidente dos EUA.¹⁵ Entre os anos de 1914 e 1915, em nenhum momento cogitou-se da entrada do país na guerra (GARAMBONE, 2003, p. 44-64). A postura da imprensa refletiu de certa forma o peso mundial do país. O Brasil era um país periférico, com pouco mais de 20 milhões de habitantes, exportador de matéria prima (principalmente para os EUA¹⁶), sem capacidade bélica e que tinha acolhido mais de três milhões de imigrantes europeus entre 1877 e 1914. Além disso, nenhum dos dois lados foi considerado necessariamente “melhor” do que o outro. Assim, em suas primeiras manifestações, os órgãos da imprensa mantiveram-se neutros ou preocupados apenas com as exportações de café.

A precaução original estendeu-se ao ano de 1916. Garambone (2003, p. 79) afirma: “O ano corre mais tranquilo nas redações do que anos anteriores. Conhecido historicamente como um período de poucos avanços territoriais e de certo impasse militar nas batalhas, tal o equilíbrio de tropas na guerra de fronteiras, 1916 passou pela imprensa brasileira sem proporcionar momentos emocionantes ao noticiário”. Contudo, aqui, a tomada de posição em favor dos Aliados pode ter esbarrado no grande contingente de imigrantes alemães e descendentes em território brasileiro, como se pode observar com base na opinião de Graça Aranha, veiculada em edição do *Jornal do Commercio* (RJ), em 1916: “Que é que nos retém em dar todo nosso auxílio positivo aos aliados? [...] Então, por alguns traficantes boches das nossas grandes cidades e por consideração às colônias alemãs esparsas em nosso território, mentiríamos o nosso passado, renegariamos o nosso ideal, repudiariamos os nossos interesses [...]”.

Nas manifestações recenseadas nos meios intelectuais, a posição pró-aliados foi majoritária, mas não absoluta.¹⁷ O engajamento de alguns intelectuais¹⁸ manifestou-se na criação, em 1915, da “Liga Brasileira pelos Aliados”, com sucursais em vários estados brasileiros dentre os quais o Paraná

¹⁵ Mais do que seguir a posição norte-americana, a neutralidade tinha razões econômicas, uma vez que a Alemanha ocupava o segundo lugar nas exportações brasileiras, com 17,5% do total, enquanto a França aparecia apenas em quarto lugar com 9,8% do total.

¹⁶ Lembremos que 32% das exportações brasileiras tinham como destino os EUA, enquanto a Alemanha aparecia em terceiro lugar com 14% e a França em quarto lugar com 12%. A dependência econômica aos EUA explica em parte que a entrada do Brasil na guerra se fez com referências explícitas de lealdade ao “grande irmão do norte”.

¹⁷ Foram germanófilos escritores, juristas e políticos como Oliveira Lima, Capistrano de Abreu, Lima Barreto, João Barreto de Menezes, Dunshee de Abranches e Alberto Torres. Além disso, Compagnon (2011, p. 113) afirma, sob reserva de uma pesquisa mais detalhada, que uma parte dos militares brasileiros da época foi germanófila.

¹⁸ Dois de seus mais importantes membros foram Olavo Bilac e Graça Aranha. Outros intelectuais de renome eram Afrânio Peixoto, Barbosa Lima, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Medeiros e Albuquerque.

(*Liga Paranaense pelos Aliados*). Com o propósito de defender a causa aliada, a *Liga* publicou diversos trabalhos, apresentando a Alemanha sempre como o país da “barbárie”.¹⁹ Da mesma forma, nesses anos 1910, vários movimentos nativistas se organizam: a *Liga de Defesa Nacional*, criada em 1916, que tinha por alicerce o serviço militar obrigatório, posicionou-se pelos aliados na guerra; a *Liga Nacionalista de São Paulo* (1917), que teve como plataforma central a questão do voto secreto e da educação; a *Propaganda Nativista* (1919) e *Ação Social Nacionalista* (1920), cujos programas eram absolutamente idênticos em temas como “amor à pátria e o estudo da geografia” ou, ainda, em relação à mudança da capital federal para o interior.

A posição em favor dos aliados, embora predominante, apresentava diversos matizes. Muitas vezes essa posição era movida mais pela filiação intelectual à “civilização francesa” do que por uma análise realista do conflito. Compagnon (2011, p. 119-121) afirma ainda que a tomada de partido explicava-se muitas vezes pela especificidade das trajetórias pessoais e profissionais. No caso, “germanofilia minoritária” tratava-se ora de uma real simpatia pela Alemanha, ora de uma simples forma de diferenciação social. Isso é importante porque parece demonstrar o peso menor desempenhado pela atuação das comunidades de imigrantes alemães na tomada de posição por parte das elites intelectuais brasileiras (jornalistas, diplomatas, professores etc.). Mas a evolução e a dramaticidade do conflito lentamente mudariam a posição brasileira.

A partir de 1917, e mais especificamente quando do afundamento do navio mercante *Paraná*, a posição brasileira mudou radicalmente. No dia 11 de abril, o governo brasileiro comunicou oficialmente ao embaixador alemão em posto no Rio de Janeiro que estavam rompidas as relações entre os dois países e que os diplomatas alemães deveriam deixar o país. No mês de maio, pressionado, o descendente de imigrantes alemães, Lauro Severiano Müller (1863-1926), renunciou ao comando do Itamaraty.²⁰ No mês seguinte, dois novos navios brasileiros foram afundados em águas europeias, o *Tijuca* e o *Lapa*. No mês de outubro, o navio *Macau* fôï torpedeado no golfo de Biscaya na Espanha. Finalmente o presidente Venceslau Brás enviou mensagem ao Congresso e, por meio de decreto, marcou a entrada do Brasil na guerra.

¹⁹ O presidente de honra da Liga foi Rui Barbosa e um dos membros mais ativos, Graça Aranha.

²⁰ À frente da diplomacia brasileira entre novembro de 1912 e maio de 1917, Müller sempre havia defendido a posição de neutralidade no conflito. Havia concordado com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, mas não com a declaração de guerra. Sua renúncia não impediu que fosse novamente eleito governador de Santa Catarina em 1918, ano do término do conflito. Ver Vinhosa (1990) e Bueno (2003).

A atuação efetiva do Brasil durante a guerra foi pouco significativa.²¹ Uma unidade médica trabalhando em Paris,²² além de outros médicos em cidades como Nice e Nantes, somadas à cooperação no patrulhamento do Atlântico sul. Mas em termos diplomáticos, a entrada do Brasil traria consequências tanto para a política sul-americana – Argentina manteve-se neutra, em parte para se diferenciar do alinhamento brasileiro – quanto para a política continental. A posição brasileira revelava alinhamento político aos Estados Unidos, o que era mais importante mesmo que o apoio aos aliados europeus.

Em termos da política interna, a relação entre brasileiros e descendentes de imigrantes alemães modifica-se. O governo brasileiro, por meio da *Lei de Guerra*, proibiu publicações em língua alemã no Brasil, trazendo consequências tanto para a imprensa quanto para as escolas, em todas as regiões onde a imigração tinha sido importante. Luebke (1987) afirma que parte dessas consequências teve como causa a severidade dessa lei. Com efeito, Magalhães afirma que:

A partir daí, as agressões e manifestações de repúdio aos descendentes germânicos (quaisquer que fossem) se ampliam, passando os teuto-brasileiros a serem considerados como inimigos e estrangeiros. A divulgação do mito do “perigo alemão” adquire um espaço cada vez mais destacado na imprensa de língua portuguesa: o “fantasma” da anexação do sul no caso da derrota dos aliados instigam a indignação dos mais diversos segmentos sociais, que passam da aversão ao ódio pela figura do alemão, enxergando nele, uma inclinação hereditária à agressividade. Estas imagens favorecem uma onda de quebra-quebras, comícios e empastelamentos de jornais, atos oriundos, notem bem, da sociedade civil, e não do Estado, como aqueles que ocorrem na era Vargas. Em 1917, é a sociedade receptora *versus* a comunidade teuta quem entra em guerra; de ambos os lados, uma postura beligerante, como se estivessem residindo na Europa, não no Brasil. (MAGALHÃES, 1994, s. p.).

A CIDADE DE CURITIBA ÀS VÉSPERAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A cidade de Curitiba foi fundada em 1693 como Vila. Passou à comarca em 1812 e foi elevada à capital do Estado em 1854, junto com a emancipação do estado. Sua população evoluiu lentamente. Em 1780, era de apenas 2.949 habitantes. Em 1857, não passava dos 10.000 habitantes. A partir desse momento, assiste a um crescimento mais rápido. Em 1890, soma 24.553 habitantes. Segundo Nadalin (1984, p. 48), em 1891, os membros das diver-

²¹ A não obrigatoriedade do recrutamento e a pequena capacidade militar explicam em parte a pequena atuação brasileira.

²² O envio de médicos a Paris teria se dado a pedido expresso do Ministro francês Paul Claudel (1868-1955) que, em 1916, servia na cidade do Rio de Janeiro. Contudo, os médicos brasileiros trabalharam, sobretudo, com doentes da “gripe espanhola”.

sas comunidades religiosas alemãs vivendo na cidade, somavam 2.700 indivíduos. Em grande parte egressos da Colônia Dona Francisca, atual município de Joinville (SC), os imigrantes alemães foram atraídos a Curitiba pela política local de colonização. Com efeito, a forte presença de imigrantes havia modificado a proporção de cidadãos de cor branca na população curitibana e, já em 1890, eles eram 79% contra 44% na média nacional, evidenciando um perfil étnico que seria mantido até os dias de hoje.²³

Segundo o professor, jornalista e historiador paranaense José Francisco da Rocha Pombo (1853-1933), em 1900, a cidade de Curitiba contava com mais de 600 fábricas e pequenas oficinas, além de seis colégios particulares (dentre os quais o Colégio Martinus, mantido por imigrantes alemães), cinco livrarias e nove tipografias (POMBO, 1980). Mas, se no plano comercial, a cidade apresentava boa saúde, o mesmo não pode ser dito de seu aspecto urbanístico ou sanitário. Com efeito, desde o final do século XIX, o médico sanitarista Jayme Reis denunciava as epidemias e endemias como o principal problema da cidade, fato que seria potencializado pela chegada de novas doenças trazidas por muitos imigrantes (KUMER, 2004). A título de exemplo, o primeiro parque da cidade, o atual *Passeio Público*, foi fundado em 1876 com o objetivo de sanear e livrar da doença de cólera aquela região da cidade (OLIVEIRA, 1996).

Em 1912, Victor Ferreira do Amaral (1862-1953), médico e diretor da instrução pública e o médico Nilo Cairo (1874-1928) somaram esforços e criaram a “Universidade do Paraná”, cujo prédio definitivo seria erguido em 1915. Ainda em 1912, o chefe do executivo paranaense, Carlos Cavalcanti (1864-1935), indicou Cândido de Abreu (1856-1919) para o cargo de prefeito em 1913. Abreu rapidamente criou a “Comissão de Melhoramentos da Capital”. Ordenação dos loteamentos, obras de saneamento, incentivo pecuniário para a remodelação das fachadas de prédios comerciais, embelezamento com novos parques e a novidade do “Colyseu Coritibano” com seu novíssimo cinematógrafo foram então postos em marcha, conferindo aparente ar de metrópole da “belle époque” à provinciana e periférica, no plano nacional, cidade de Curitiba (DE BONI, 1985; BRANDÃO, 1994; SUTIL, 1996; BERIBERI, 1998; VASCO, 2006; CRUZETTA, 2010). Com efeito, em 1920, a cidade é descrita como “lastimável”, com muitas ruas sem calçamento adequado, escoamento de água, higiene etc., e o número de médicos e engenheiros não alcançava duas dezenas.²⁴

A participação das comunidades de imigrantes alemães nas atividades comerciais e sociais da cidade tornou-se realidade já na segunda meta-

²³ A população de cor branca, segundo dados do Censo, era de 78,88% em 2010.

²⁴ O paradoxo entre uma cidade que se moderniza guardando fortes ligações com seu passado colonial está presente também no jornalista Nestor Vitor dos Santos (1868-1932) que, após passar vinte e sete anos longe da cidade, se impressiona com seus novos prédios e largas avenidas. Ver Santos (1996).

de do século XIX. À diferença de outros grupos, os alemães chegavam principalmente da região de Joinville (SC), em caso clássico de reemigração. Analisando o período de 1869 a 1889, Colatusso (2004, p. 64) afirma que 22,2% do “comércio geral” estavam em mãos de imigrantes alemães e seus descendentes, contra 5,8% em mãos de imigrantes italianos, embora os luso-brasileiros detivessem 65,6% desse tipo de comércio. No setor de “padaria/lanchonetes/restaurantes”, 33,3% estavam em mãos de alemães. No setor de “açougue e derivados de carne”, os alemães detinham 50% dos estabelecimentos. Enfim, no setor de “ferragens e latoaria”, 45% dos estabelecimentos estavam em mãos de alemães e descendentes contra apenas 25% em mãos de luso-brasileiros. Esses dados são relevantes, sobretudo quando se sabe que a comunidade alemã não representava mais que 10% da população total.

Em 1900, a cidade tinha 50.124²⁵ habitantes e, em 1920, alcançava a cifra de 78.986 habitantes, sendo desses, 11.612 estrangeiros, representando 14,85% da população total. Desses, os poloneses apareciam em primeiro lugar, com 47,6%. Em seguida, vinham os ucranianos, com 19,22%, os alemães com 13,28% e os italianos com 8,78% do total. O percentual restante de estrangeiros, 11,12%, dividia-se em russos, austríacos, franceses, dentre outros.²⁶ O número de imigrantes encobre, contudo, a maneira como as diversas comunidades se organizavam nesse início do século XX. Em consonância com o período anterior, os empresários de origem alemã continuavam bastante representados nos mais diversos setores da economia local. A título de exemplo, entre 1890 e 1929, apenas em Curitiba os empresários de origem alemã eram responsáveis por 83,4% das fábricas de instrumentos musicais, 80% do setor de couros e similares, 65,3% do setor químico, 61,2% do setor de metalurgia e mecânica, 50% do setor de minerais não metálicos, 40,4% do setor de vestuário, têxteis e calçados, 35,2 da produção de alimentos e bebidas, 30,1% do setor de madeiras e mobiliário, 28,4% do setor do comércio em geral, 24% do setor de serviços.²⁷ Da mesma forma, entre os membros do *Colégio Comercial* da Junta de Comércio do Paraná, dos sessenta e oito membros, dezenove eram de origem alemã.

²⁵ Anuário Estatístico de 1900. Martins (1941, p. 103) aponta, sem informar a fonte, que a população de Curitiba seria de 49.755 habitantes.

²⁶ Esses dados escondem, contudo, os descendentes de imigrantes já naturalizados e mesmo os imigrantes que haviam optado pela nacionalidade brasileira. Schapelle (1917) estima em 12.000 indivíduos a comunidade germânica no Paraná. O impacto das comunidades de imigrantes sobre o perfil étnico, cultural e econômico da cidade era muito maior, como se verá a seguir.

²⁷ Ocupavam assim a primeira posição, dentre os grupos imigrantes, em todos esses setores, com exceção do setor de serviços em geral, onde apareciam na segunda posição, mas ultrapassando os brasileiros, é claro, naqueles setores em que detinham mais de 50% das empresas. Fonte do Arquivo da Junta Comercial do Paraná, citado por Balhana (2003, p. 333).

A forte presença de descendentes de alemães nos espaços institucionais da sociedade curitibana assim se apresentava. Nas escolas alemãs sediadas no município²⁸ – em especial, a Escola Católica Elementar Alemã (1896),²⁹ a Escola Alemã (luterana)³⁰ e o Colégio Internacional³¹ – comemoraram regularmente as datas cívicas da Alemanha, como, por exemplo, o aniversário do Imperador (RENK, 2005). O forte poder associativo da comunidade alemã encontra expressão ainda no número de associações – Sociedade Thalia (1882), Club Concórdia (1883), Grêmio Lyrio do Vale (1895) – de clubes esportivos – Sociedade de Ginástica Teuto-Brasileira (1883),³² a Sociedade dos Atiradores Alemães (1888), Clube de Ciclistas (1895) ou o Sport Club Germânia (1896) – de comunidades religiosas – Comunidade Evangélica Luterana (1901), Comunidade Evangélica de Curitiba (1906), Comunidade Católica de Curitiba (1901) – ou ainda de associações diversas como Associação Agrícola Teuto-Brasileira (1897), a Sociedade dos Professores Teuto-Brasileiros (1906) e a Associação Alemã dos Camaradas de Campanha (1906).³³ Finalmente, a imprensa em língua alemã havia se desenvolvido bastante nos três estados da região sul do Brasil. Dentre os setenta jornais em língua estrangeira recenseados em 1912 no Anuário Estatístico,³⁴ o Paraná aparece com nove, sendo seis em polonês e dois em alemão, a saber: *Der Beobachter*, (O Observador), trissemanário fundado em 1889³⁵ e *Der Kompass* (A Bússola) (1909-1939).³⁶

Na virada do século XX em Curitiba, a situação da comunidade de origem alemã não era, contudo, uma exceção à regra em relação ao estilo

²⁸ No início do século, contam-se quinze estabelecimentos escolares. Segundo Trindade (1992, p. 316-318), às vésperas da Primeira Guerra, apenas oito deles estão em funcionamento. Contudo, nesse mesmo momento, o município contava com três jardins de infância, oitenta e cinco escolas elementares, três escolas secundárias e cinco escolas profissionais, o que invalida, ao menos localmente, a tese comumente aceita segundo a qual as escolas mantidas pelos imigrantes respondiam à ausência de vagas no sistema escolar público.

²⁹ Atual colégio Bom Jesus, mantida desde seu início por Frades Franciscanos. Para maiores detalhes, ver Renk (2005) e Souza (2006).

³⁰ Funcionou de 1884 a 1930, quando passou a se chamar “Colégio Progresso”. Encerrou definitivamente suas atividades em 1940, quando da “Campanha de Nacionalização”, implementada durante o governo Vargas.

³¹ Fundado em 1899, tinha por denominação “Colégio teuto-brasileiro” até 1907, quando passou à referida designação. Cerrou definitivamente suas portas em 1924.

³² O Curitiba Football Club, clube de futebol tradicional da cidade, foi fundado em 1909 por iniciativa de membros teuto-brasileiros oriundos dessa sociedade de ginástica. ver Moletta Jr. (2009).

³³ As datas entre parêntesis referem-se ao ano de fundação respectivo. Fonte Almanach do Paraná (1909-1913). Ver igualmente Heisler (1929).

³⁴ Segundo Seyferth (1995), mais de meia centena de periódicos em língua alemã circularam no Brasil entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

³⁵ Fez campanha para os deputados teuto-brasileiros no final do século XIX, suspendeu suas atividades em 1917, reabrindo em 1931, para fechar definitivamente em 1939.

³⁶ Ligado à congregação católica dos frades franciscanos (que também mantinha a Escola Católica Alemã, atual Colégio Bom Jesus), circulou regularmente entre 1902 e 1941.

de vida de outras comunidades de imigrantes no Paraná ou em nos outros estados do sul do Brasil. No caso de Curitiba, a maior delas, a comunidade de imigrantes e descendentes de poloneses, também apresentava forte organização social, com jornais, escolas, associações esportivas e culturais, igrejas e mesmo associações paramilitares. Como demonstramos alhures (OLIVEIRA, 2010), mais de sessenta periódicos em língua polonesa circularam em Curitiba entre 1892 e 1938, quando foram proibidos.

Willems (1940, 1946), Waibel (1979), Nadalin (1972, 1999), Oberacker Jr. (1985), Seyferth (1993, 1995), Magalhães (1998) e Reinhardt (2007) concordam que no Brasil, as associações esportivas e culturais, as escolas e comunidades religiosas, os órgãos de imprensa e mesmo as festas com sua culinária e músicas típicas refutam em parte a tese do isolamento a que essas comunidades estariam submetidas. Ao contrário, as diversas formas de organização social citadas contribuíram para consolidar, também no Brasil, o sentimento de germanidade (*Deutschtum*). Esse sentimento se manifestaria ainda na denominação *Deutschbrasilianertum*, que expressa a trajetória de teuto-brasileiros ligados pela experiência da colonização, formando um grupo étnico, distinto dos alemães e dos luso-brasileiros, mas fundamentalmente inserido nas diversas sociedades locais. Com efeito, para além de uma simples assimilação, em diversas regiões do Sul do Brasil, novos traços culturais formaram-se lentamente, alargando o espectro luso-brasileiro que havia marcado a história nacional. Todo esse processo seria violentamente interrompido pela Campanha de nacionalização organizada pelo governo Vargas às vésperas da Segunda Guerra Mundial.³⁷ Contudo, naqueles anos de 1910, em ambiente sócio-historicamente fortemente marcado pela imigração, quanta relevância e impacto social o sentimento de germanofobia de segmentos das elites intelectuais e o ideário assimilacionista das elites políticas teriam ou deveriam ter alcançado?

A IMPRENSA E A GUERRA

A deflagração do conflito trouxe, paulatinamente, consequências para as localidades onde havia forte e/ou visível presença de imigrantes e descendentes alemães. As notícias na imprensa refletem tanto os acontecimentos da guerra quanto as posições diplomáticas brasileiras. Garambone (2003, p. 80-99) mostra que as notícias da guerra eram diárias nas edições do *Jornal do Comercio* e do *Correio da Manhã*. Já os editoriais, oscilando entre ardor e prudência, eram todos favoráveis às posições do governo. À exceção da imprensa em língua alemã publicada no Brasil, os veículos

³⁷ Ao final da Segunda Guerra, as escolas e principais formas de organização social nas comunidades de imigrantes estavam completamente desorganizadas. Foi apenas no ano de 1963, por ocasião do Primeiro Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros, que o passado da imigração alemã começou a ser recuperado positivamente. Para maiores detalhes, ver a “invenção do teuto-brasileiro” em VOIGT (2008).

nacionais de comunicação escrita, considerados em seu conjunto, tornaram-se favoráveis aos Aliados durante o conflito.

No único caso local estudado, a imprensa alemã porto-alegrense, Bonow (2011) afirma que, nos anos anteriores à guerra, não se notavam visões negativas à Alemanha. Mas, após o assassinato de Francisco Ferdinando, isso começou a mudar. Surgiram então jornais em língua alemã interessados em explicar o conflito do ponto de vista germânico. Mas, lentamente, mais precisamente a partir de 1915, a posição pró aliados se tornou majoritária, mesmo entre descendentes de alemães (BONOW, 2011, p. 189/ ss.). Analisando separadamente os anos de 1914 e 1915, Bonow (2011) afirma que no primeiro ano, ocorreram inúmeras manifestações em prol da Alemanha – desejo de se alistar, envio de recursos etc. – mas também em prol da França, para onde acorreram muitos reservistas, gerando forte clima de desconfiança mútua. Mas, a partir do afundamento dos primeiros navios brasileiros, a situação se deteriorou em Porto Alegre logo no mês de abril de 1917. Embora reconhecendo que os *alemães brasileiros* não tinham responsabilidade pelos atos de guerra da Alemanha, ocorreram muitas manifestações e atos de violência, como a destruição do “Grande Hotel”, de propriedade de um descendente de alemães, e da “Sociedade Germânia”, cujos membros eram acusados de enviar recursos à Alemanha no início do conflito. Enfim, no mês de novembro, quando da declaração de guerra, a força policial gaúcha confiscou exemplares de jornais alemães. Por outro lado, muitos dos descendentes do meio empresarial apoiaram publicamente as ações do governo brasileiro, subscrevendo inclusive o terceiro empréstimo à França (BONOW, 2011, p. 296).

O Paraná também havia sentido as consequências da guerra: entre 1915 e 1920, a exportação de mate, principal produto do estado, caiu devido à falta de demanda no mercado externo. Inicialmente, porém, apenas duas grandes questões têm destaque na imprensa local: a questão dos limites territoriais com o Estado de Santa Catarina (região do Contestado) e a campanha de Rui Barbosa à presidência da República (chamada de “campanha civilista”³⁸). Os jornais analisados são *Diário da Tarde*,³⁹ *Gazeta do Povo* (apenas para o ano de 1919),⁴⁰ *Comercio do Paraná*⁴¹ e *A República*.⁴²

³⁸ Os “civilistas” locais, dentre os quais muitos anticlericais, sentiam-se incomodados pelo “catolicismo” de Barbosa, como se podia ler nas páginas do jornal *Diário da Tarde*, seu órgão de defesa.

³⁹ Fundado em 1889, autointitulava-se a “folha de maior circulação no estado”. Pilotto (1976) a considera uma escola de jornalismo e um elemento de ponderação entre as lutas partidárias locais.

⁴⁰ Fundado em fevereiro de 1919, tinha como objetivo ser um exemplo de jornalismo profissional, pois mantinha em sua sede, uma mesa livre para receber notícias sociais dos cidadãos.

⁴¹ Fundado em 1912, era representativo dos interesses comerciais das elites locais.

⁴² Criado em 1886, tendo como seu redator-chefe o historiador e jornalista Romário Martins, era órgão do Partido Republicano Paranaense.

Analisando os dois primeiros anos da guerra, 1914 e 1915, Fabris (2009) afirma não ter encontrado nos jornais de Curitiba uma posição hostil à Alemanha, antes o contrário. As edições do mês de fevereiro de 1915 do *Diário* traziam artigos elogiosos à Alemanha, além de outros em que havia referências positivas aos benefícios dos imigrantes para o desenvolvimento econômico do Estado.

O ano de 1917, contudo, foi bem diferente. O *Diário* manteve à página 2 uma seção chamada “A guerra no exterior”, trazendo diariamente notícias do conflito. Em seu início, a guerra é tratada de forma distante, sendo as notícias simplesmente reproduzidas das agências de informação inglesas. Mas a notícia do afundamento do navio brasileiro mudou o panorama. Também em Curitiba, ela foi seguida de manifestações patrióticas e atos de destruição. Houve manifestação no centro da cidade, inclusive o apedrejamento do jornal *Der Kompass*. Ao comentar esses primeiros acontecimentos, o *Diário*, edição de 11 de abril, qualificou-os de “lamentáveis”. O jornal *O Comércio*, em sua edição de 19 de abril, após ter comentado esse mesmo incidente, informa ter realizado visita àquele jornal, afirmando não ter encontrado ali nada que fosse antipatriótico, nem mesmo a suposta estação telegráfica que estaria a serviço da Alemanha. Enfim, *A República* não comentou esse episódio.

Voltando ao *Diário*, a edição do dia 12/04 trazia novos relatos de manifestações populares. Prontamente criticadas, o jornal pedia inclusive ação da polícia para reprimi-las. Na edição do dia 17 de abril, o *Diário* noticiou as revoltas ocorridas em Porto Alegre, fato que foi também veiculado por *A República* e pelo *Comércio*. Aparentemente, a extensão das destruições ocorridas naquele Estado surpreendeu, sobretudo quando comparada aos atos de revolta ocorridos em Curitiba na mesma noite. Ainda no dia 17/4, o jornal noticiou que a comunidade de rutenos do interior do Estado havia enviado carta ao Presidente do Estado, informando que sua região de origem não pertencia à Prússia. Na edição do dia 19 de abril, o *Diário* noticiavam nova passeata ocorrida no dia anterior, afirmando, contudo, que sempre tivera “simpatia pelas colônias alemãs”. Na edição do dia 20 de abril, o *Diário* reproduziu artigo em defesa da pátria brasileira, assinado pelos comerciantes locais, dentre os quais numerosos imigrantes alemães. Nesse mesmo dia, à primeira página, encontra-se um exemplo da ambiguidade em torno da imigração alemã. O colunista Gastão de Faria publicou artigo em que pedia a “nacionalização do elemento alemão no sul do Brasil”, para que ele “seja útil”, exprimindo ainda o temor de que eles, caso viessem a se expandir, se tornassem um “perigo”. Na edição do dia 25 de abril, o *Diário* noticia o apedrejamento de casas alemãs, fato que é criticado na edição do dia seguinte. As manifestações e atos violentos cessaram nos meses seguintes e só retornariam no mês de outubro de 1917. Em resumo, nesse mês de abril, ao lado das notícias sobre atos de revolta e passeatas, percebe-se

não apenas a crítica aos atos de violência, julgados excessivos, mas a defesa da comunidade alemã, além de apelos em favor de medidas de nacionalização, em particular no campo da educação. Esse é de fato o padrão de comportamento recorrente do *Diário* durante a guerra: condenar atos de violência, defender a nacionalização do país, mas mostrar que existia grande diferença entre a Alemanha, enquanto país, e os imigrantes e descendentes radicados na cidade.

O *Commercio* e *A República* também cobriram as primeiras manifestações populares ocorridas no mês de abril de 1917. *A República* noticiou todas as passeatas daquele mês, mas não fez menção aos atos de destruição. Na edição do dia 28/4, o jornal reproduziu artigo publicado em *A Noite*, cujo título era: “Paraná não germaniza”. Nesse artigo, pode-se ler que os imigrantes alemães tinham o “defeito de não se misturarem”, mas eram “trabalhadores, ordeiros e progressistas”. No dia 29 de abril, outro artigo com título similar: “A comunidade polaca não se germaniza”. Os imigrantes poloneses, emigrados de territórios ocupados pela Prússia, aparentemente mostravam suas diferenças em relação aos alemães, comportamento similar ao da comunidade ucraniana. Pode-se pensar igualmente que, com essas notícias, o jornal indicava que o suposto expansionismo alemão não se estendia as outras comunidades de imigrantes. Com uma cobertura menos abrangente, *O Comercio* noticiava diariamente os fatos da guerra, desde o rompimento das relações diplomáticas aos atos populares de revolta, porém sem apoiá-los diretamente.

É interessante mostrar, enfim, como os três jornais noticiaram a renúncia de Lauro Müller do comando do Ministério das Relações Exteriores. Todos afirmam que Müller era um patriota. Já a renúncia foi apresentada como consequência de setores contrários à posição de neutralidade brasileira, aos quais os jornais aparentemente não aderiam. *A República*, no dia 3 de maio, afirmou que a renúncia era ato de “correção moral” e que, no primeiro momento, o Presidente do Brasil não a havia aceitado. *O Comercio*, no dia 6 de maio, noticiava que o Presidente da República havia feito um elogio a Müller no momento de sua partida. Em resumo, todas as notícias marcaram a diferença entre o cidadão brasileiro de origem germânica – que prestara valiosos serviços à nação – dos súditos germânicos.⁴³

Em seguida à declaração de guerra, os governos regionais, seguindo orientação federal, registraram os alemães de seus estados, proibiram jornais e qualquer tipo de publicação em alemão, além de obrigaram escolas e associações a retirarem quadros e outros elementos que indicassem apoio à Alemanha. No Paraná, em 1917 e 1918, a polícia registrou 1.196 alemães, dos quais 549 (46% do total) apenas na cidade de Curitiba. Desses, 20,3%

⁴³ Mesmo o pró-aliado *Jornal do Comercio do Rio de Janeiro*, em sua edição de 3 de maio, enfatizou a conduta patriótica de Müller à frente do Ministério.

tinham adquirido a nacionalidade brasileira e 44,3% dos cônjuges eram igualmente brasileiros.⁴⁴ Balhana (2003, 2003a) afirma que, nesse momento, o grau de integração de alemães aos diversos setores sociais e segmentos da economia local era comparável àquele de brasileiros de origem alemã. Afirma ainda que a presença de descendentes de alemães nas diversas áreas sociais (clubes, igrejas etc.) e econômicas atesta a extensão das relações de sociabilidade e o grau de integração da comunidade como um todo em relação à sociedade curitibana.

A exemplo do que ocorreu em Porto Alegre, a análise da imprensa a partir do mês de outubro de 1917 mostra a lenta radicalização das posições contra a Alemanha. No começo do mês, encontram-se notícias, como “A Alemanha agoniza”, (*Diário*, 2/10) e “Uruguai vai romper relações com a Alemanha” (6/10). Mas até a declaração de guerra, são fatos locais, como a epidemia de tifo, que de fato dominam toda a pauta do *Diário*. No dia 26 de outubro, o jornal noticiava em sua primeira página: “O Brasil na guerra”. No dia 27 de outubro, lê-se que os “alemães reuniram na casa do Sr. Kosop, mas não tramam contra o Brasil”. Ao contrário, haviam declarado “amar o Brasil”. Já no dia 28 de outubro, o jornal noticiou que alemães haviam procurado o Presidente do Estado do Paraná, Affonso Camargo, porque o governo central havia finalmente ordenado o fechamento das escolas e jornais alemães. No dia 29, eram noticiadas diversas ações violentas, tais como passeatas com gritos de “Morra a Alemanha”, ações contra o patrimônio de descendentes e “colossal” incêndio de quadros do Kaiser retirados à força das associações alemãs. Noticiava ainda que a sede do jornal *Der Kompass* havia sido incendiada. O *Diário* não cauciona nenhum dos atos violentos cometidos, afirmando que foram “excessos lamentáveis”. Na edição do dia 30 de outubro, lê-se que “populares” se dirigiram ao stand de tiro alemão, destruíram-no e novamente queimaram quadros do Kaiser. O jornal pediu em seguida que, passada a exaltação inicial, os “jovens procurem os quartéis”. Na edição do dia 31 de outubro, o *Diário* publicou artigo do advogado e colunista Gastão de Faria, indignado com o comportamento do Deputado Heisler – de origem germânica – que havia se dirigido à sede do *A República* para exigir que se pagassem os prejuízos causados pelos diversos incêndios, “dando explosão às suas tendências de germanófilo incorrigível”. O colunista pediu a cassação do mandato do deputado.

Na edição do dia 1º de novembro, o *Diário* noticiou que, dando cumprimento à legislação federal, o chefe de polícia de Curitiba pedia que os súditos alemães se registrassem na polícia. Mas, na mesma edição, em nova coluna, Gastão de Faria afirma: “Destruir bens de súditos alemães é concorrer para a diminuição do patrimônio nacional”, demonstrando outra vez

⁴⁴ Deve-se atentar, contudo, para a massiva naturalização dos imigrantes que sucedeu à Proclamação da República. É possível, assim, que muitos dos cônjuges fossem brasileiros descendentes de alemães.

mais o grau de inserção da comunidade alemã e sua importância para a economia local. Nesse mesmo tom, na edição do dia 3 de novembro, Gastão de Faria escreveu que a “guerra é contra a política brutal prussiana do Kaiser”, indicando a necessidade de se diferenciar o rival no conflito das realizações dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. No dia 5 de novembro, o *Diário* noticiou que as forças policiais do Estado estariam sendo indulgentes com as ordens franciscanas alemãs e na edição do dia 6 de novembro, pediu que fossem divulgados os nomes das casas comerciais alemãs, em nome de “nossa segurança”. No dia 7/11, o jornal noticiou que alemães do Paraná também haviam enviado dinheiro para a Alemanha. Mas no dia 8/11, jornal pedia que não se proibissem os filhos dos imigrantes de frequentar aulas particulares em alemão. Na edição do dia 10/11, encontra-se uma notícia reveladora do grau de complexidade na representação do conflito. Gastão de Faria afirma: “não tínhamos simpatia pelos aliados, queríamos apenas o aniquilamento da Alemanha”. Na edição do dia 12/11, na primeira página, lê-se que a família Müller (descendente de alemães) ofereceu sua usina ao governo “porque queria servir à pátria”. Já na edição do dia 21/11, lê-se: “A nacionalização do Brasil é assunto que não deve ser descuidado”. No dia 29/11, o jornal anuncia: “Não há mais alemães entre nós. Teutos estão renegando a pátria”. Enfim nas edições do mês de dezembro, as notícias da guerra continuaram a povoar as páginas do jornal, mas não houve referências a questões locais.

Em seu conjunto, as edições analisadas mostram atos de revolta e destruição, passeatas patrióticas etc., indicando claramente que a comunidade alemã foi, muitas vezes, tomada por responsável das ações de guerra da Alemanha. O *perigo alemão*, por exemplo, apareceu quando um espião foi preso em Curitiba. Mas, por outro lado, a comunidade alemã local não tinha aderido à Alemanha, antes o contrário. Parece claro a diferença entre alemães e seus descendentes, chamados de *teutos*, e a nação alemã inimiga.

O *Commercio* apresentou ao longo do mês de outubro de 1917, uma cobertura sobre a guerra, bem mais completa do que havia feito até então, organizada em duas seções, a saber: *O Brasil na Conflagração* e *O Brasil na Guerra*. A declaração de guerra e os primeiros *meetings* e atos populares de revolta eram noticiados. Na edição do dia 30 de outubro, afirmava-se que cidadãos se dirigiram às associações alemãs, pedindo que fossem retirados os quadros do Kaiser. Na edição do dia 1º de novembro, foi noticiado que, para evitar atos de destruição, o chefe de polícia proibiu os *meetings* à noite. As notícias seguiram, então, em tom informativo. Na edição do 2/11, o jornal informava que a ordem havia voltado mesmo à cidade de Porto Alegre, local dos mais violentos episódios. No dia 9/11, na seção “O Brasil na conflagração”, noticiou-se o “atrevimento dos padres alemães”. Já no dia 17, lia-se que o “Perigo alemão, tão desacreditado, é verdade verdadeira”, revelando talvez que esse temor nunca tivesse sido aceito pela

sociedade local. Na edição do dia 18, são noticiadas a censura às atividades de alemães no Brasil, e as manifestações cívicas pró-aliados, dentre outras. O patriotismo dos descendentes de alemães também era colocado em dúvida, ressaltando-se ainda seu apego à germanidade. Mas esses descendentes acusados de pouco patriotismo não residiam no Paraná. Assim, na edição do dia 18 de novembro, podia-se ler que o estado de sítio não “colherá frutos no Paraná, mas sim em Santa Catarina”, onde há uma “germânia Antártida”. Nesse dia ainda, o jornal pedia a demissão de germanófilos das forças de ordem.

O jornal *A República* também dedicou espaço ao conflito. Logo no começo de outubro, tomava claramente posição em favor dos aliados e, entre os dias 8 e 11, publicou o trabalho do francês André Chéradame, “O plano pan-germanista desmascarado”, traduzido por Graça Aranha em 1917. No dia 17/10, noticiou que a comunidade polonesa havia se reunido, pedindo a “ressurreição da Polônia”. Esse fato revela como a guerra influenciava o comportamento das outras comunidades de imigrantes. No final de outubro, noticiou a declaração de guerra do Brasil, mas informou que não tinha havido incidentes, ao contrário do noticiado pelos outros dois jornais. Entre os dias 28/10 e 12/11, trouxe de forma sequencial, uma longa análise sobre a guerra, “As barbaridades alemãs pela palavra vibrante de Rui Barbosa”. No dia 6/11, querendo demonstrar que o expansionismo alemão deveria ser levado a sério, traduzia artigo publicado na imprensa alemã, no qual estava dito que os descendentes alemães “eram sub-representados na política rio-grandense”. No dia 8/11, noticiou que a Guarda Nacional obrigara teuto-brasileiros a se definirem, fazendo eco a notícias de mesma monta publicadas na imprensa rio-grandense. No dia 14/11, noticiou que o *Major Klaus*, de origem alemã, havia se declarado brasileiro. Essas últimas notícias parecem confirmar que, também para esse jornal, era necessário diferenciar os imigrantes alemães e seus descendentes, dos súditos germânicos, exatamente como faziam os outros órgãos da imprensa local.

Finalmente, a análise do jornal *A Gazeta do Povo*, para o mês de novembro não se revelou especialmente interessante. Durante os meses de fevereiro a abril de 1919, os artigos sobre a campanha de Ruy Barbosa foram diários e ocuparam com destaque a primeira página. As notícias do conflito fizeram referência à evolução das negociações de paz, sob a perspectiva do presidente dos EUA. Aqui e ali, pequenas notícias, como por exemplo, na edição do dia 25/2, um “agradecimento à marinha brasileira”. Na edição do dia 24/3, “Hungria declara guerra aos aliados”. No dia 26/3, referência foi feita à “missão médica brasileira” e no dia 5/5, foi noticiado o “regresso da esquadra brasileira”. No dia 30/5, leu-se que o Brasil “combateu ao lado dos poilus pela civilização”. Passando ao mês de novembro, fim do conflito, não há praticamente notícia alguma. As exceções de praxe são: dia 13/11, “Alemães se vestem de papel” e, dia 21/11, “Congresso america-

no quer modificar o trata de paz”. Finalmente, no dia 27/11, “Bulgária assina tratado de paz”. A guerra, aparentemente, não vendia mais!

CONCLUSÃO

A presença de descendentes de alemães nas diversas áreas sociais (clubes, igrejas etc.) e econômicos atesta sem dubiedade alguma a extensão das relações de sociabilidade e o grau de integração no conjunto da sociedade curitibana.⁴⁵ Mas isso explicaria por que a imprensa curitibana, mesmo no ano decisivo do conflito, não demonstrou uma atitude ambígua em relação à Alemanha ou ainda aos membros da comunidade? A resposta a essa indagação passa pela análise de outros fatores como, por exemplo, a presença de descendentes de alemães nos órgãos de imprensa analisados ou em postos chave da política e da polícia local. Pode-se afirmar, porém, que não há preocupação da sociedade local condizente com as ameaças à soberania nacional, imputadas aos membros daquela comunidade. Os principais conflitos noticiados – como o incêndio da sede do jornal *Der Kompass*, a queima de quadros do Kaiser ou os arroubos do deputado Heisler – iniciaram após a deflagração de guerra em outubro de 1917, à diferença do que ocorreu em Porto Alegre. Mais ainda: foram atos pontuais, pouco organizados e, segundo se pode concluir, socialmente pouco significativos. As manifestações na imprensa curitibana seguiram uma lógica esperada em tempos de guerra: manifestações de nacionalismo, acusações contra alemães espíões ou cidadãos germanófilos, notícias prosaicas como aquelas referentes aos padres alemães que estariam sendo “bem tratados” etc.

O “perigo alemão” teve destaque insignificante e ligado às questões nacionais, ao contrário do que a análise feita por Seyferth (1989) levava a crer. Da mesma forma, não se encontram referência aos livros antigermânicos de Aranha ou Romero, mas apenas ao de Chéradame (1905), nem ainda referências à atuação da seção paranaense da *Liga Brasileira pelos Aliados*. Enfim, em termos comparativos, os atos de hostilidade ocorridos durante a Primeira Guerra nem de longe se assemelham àqueles de igual natureza ocorridos em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial (BOSCHILIA, 1995).

O caso da imprensa em Curitiba parece indicar ainda que o conflito mundial pode ter assumido contornos particulares em função do número, diversidade e grau de integração do conjunto das comunidades de imigrantes e não apenas da comunidade de origem alemã. A título de exemplo,

⁴⁵ Guardadas as proporções, o mesmo pode ser dito de alemães e descendentes em Santa Catarina (SEYFERTH, 1974; OBERACKER JR., 1985) ou no Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969).

surpreendeu ver como imigrantes poloneses aproveitaram o conflito para tentar restaurar a independência da Polônia. Da mesma forma, membros das comunidades ucranianas apressaram-se em se diferenciar da Alemanha em guerra. A análise da imprensa curitibana durante o conflito não indica, porém, uma tendência em direção a uma sociedade multiétnica. A integração dos imigrantes e descendentes à sociedade nacional nunca deixou de ser o norte do governo brasileiro e, mesmo, das elites locais. Com efeito, o processo de nacionalização do ensino ganhou fôlego no ano de 1917 e se tornou política pública nos anos 1920, com o objetivo de incentivar práticas de civismo, difundindo o sentimento de pertencimento à nação.

Por outro lado, aqui e ali, encontram-se manifestações de reconhecimento objetivo à atuação de membros da comunidade, seja enfatizando a contribuição econômica dos imigrantes alemães, seja ainda enfatizando a diferença que os separava de sua pátria de origem, renunciando a imagem positiva que lhes seria definitivamente associada mais tarde por Linhares (1953) e Martins (1955). Embora, alguns “súditos alemães”, como eram por vezes chamados, tenham sido acusados de tramar abertamente contra o Brasil, isso não repercutiu fortemente na sociedade local, talvez porque outros imigrantes de origem alemã tiveram atitudes patrióticas exemplares, como o caso dos irmãos Müller.⁴⁶ Aparentemente, laços sociais entre brasileiros e descendentes de imigrantes eram suficientemente sólidos e interesses econômicos bem consolidados, além do fato objetivo: a grande maioria dos membros da comunidade alemã comportou-se de forma patriótica.

As representações antigermânicas de segmentos da elite brasileira pareciam trafegar em escala nacional e, assim, pouco modificaram as relações sociais, a interdependência econômica e as inserções pessoais e profissionais dos imigrantes com a sociedade curitibana. Ainda que o sentimento do *Deutschtum* tenha sido importante em Curitiba, fato que se comprova pelas comemorações das datas cívicas alemãs em plena guerra, isso aparentemente não significou ou foi lido como desamor ou traição à nação brasileira. Em sentido inverso, porém, é difícil dizer que a posição construída, de forma lenta e não orquestrada, da imprensa curitibana durante o conflito, prove que a integração dos descendentes germânicos à sociedade nacional era um processo concluído. O processo de assimilação ou de “aculturação dos alemães no Brasil”, como demonstra Willems (1940, 1946), não resultou em indiferenciação do grupo original no todo nacional, fato que, de resto, não aconteceu com nenhuma outra comunidade de imigrantes.

Em resumo, o impacto do conflito mundial no cotidiano curitibano parece ter sido amortecido pelo grau de integração da comunidade à socie-

⁴⁶ Em análise para toda a América Latina, Blancpain (1994, p. 275) confirma essa hipótese, insistindo numerosos foram os descendentes de alemães que penderam definitivamente para o lado brasileiro durante a guerra.

dade local, assim como o foi no plano nacional, nos anos iniciais, devido à presença de Lauro Müller no governo federal. O caso curitibano parece indicar que a posição inicial de neutralidade do governo brasileiro e seu engajamento do período final mantêm tênues, porém complexas relações com as comunidades de imigrantes implantadas no país. Mas, de fato, a análise da imprensa local *per se* não permite estabelecer com precisão o papel desempenhado pela presença de imigrantes alemães em solo brasileiro em relação à posição do governo. A imprensa parece involuntariamente revelar que, naqueles anos de 1910, a sociedade local vivia uma situação multicultural de fato. Mas a década de 1920, com o nativismo cultural e modernista, e os anos 1930, com o conjunto de medidas legais organizadas dentro do governo Vargas, sepultariam muito, embora não totalmente, aquela diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos*. Curitiba: Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953.
- ARANHA, Graça. “Brasil e pangermanismo.” In: CHERADAME, André. *O plano pangermanista desmascarado*. Trad. de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Garnier, 1917.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- AZEVEDO, Maria H. C. *Um senhor modernista*. Biografia de Graça Aranha. Rio: ABL, 2002.
- BAHLS, Aparecida V da S. *A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- BALHANA, Altiva P. Os alemães no comércio e na indústria do Paraná. In: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). *Um mazzolino de Fiori*. Curitiba: Imprensa Oficial/ Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. v. II, p. 325-339, 2003.
- BENVENUTTI, Alexandre F. *As reclamações do povo na belle époque: A cidade em discussão na imprensa Curitiba (1909-1916)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- BERIBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas do início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- BLACPAIN, Jean-Pierre. *Migrations et mémoires germaniques en Amérique Latine*. Strasbourg: PUS, 1994.
- BONOW, Stefan C. *A desconfiança sobre os indivíduos de origem germânica em Alegre durante a Primeira Guerra Mundial: cidadãos leais ou retovados?* 2011. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BOSCHILIA, Roseli. O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba: FCC, v. 22, n° 107, 1995.
- BRANDÃO, Ângela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: PMC-FCC, 1994.
- BUCHMANN, Elane T. *A trajetória do Sol*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

- BUENO, Clodoaldo. *Política Externa na Primeira República: os anos de apogeu - de 1902 a 1918*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- BURNS, Edward M. *História da civilização Ocidental*. Porto Alegre: Globo, 1981.
- BURNS, Edward B. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In FAUSTO, Boris (Dir.) *O Brasil Republicano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. vol. 3, tomo II, p. 375-399.
- CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930)*. Texto e contexto. São Paulo: DIFEL, 1976.
- CHÉRADAME, Andre. *La colonisation et les colonies allemandes*. Paris: Plon, 1905. Disponível em:
<http://www.archive.org/stream/lacolonisation00chgoog#page/n5/mode/2up>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- _____. *O plano pangermanista desmascarado: a terrível cilada berlineza da partida nula*. Trad. de Graça Aranha. Paris: Garnier, 1917.
- COLATUSSO, Denise E. *Imigrantes alemães na hierarquia de status na sociedade luso-brasileira (Curitiba, 1869 a 1889)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- COMPAGNON, Olivier. *Guerre mondiale et construction nationale. Argentins et Brésiliens face au suicide de l'Europe (1914-1939)*. Thèse de habilitation à diriger des Recherches. Paris : Centre de Recherches de l'Histoire de l'Amérique Latine et du Monde Ibérique, Université Paris I – Sorbonne, 2011.
- COZZA, Dino W. A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 157, nº390, p. 97-110, jan./mar. 1996.
- CRUZETTA, Fernanda C. (2010). *Rememorações da cidade de Curitiba. Visões do progresso nas décadas iniciais do século XX*. Monografia (Conclusão do curso de História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- DE BONI, Maria I. M. *O espetáculo visto do alto. Vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. 1985. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FABRIS, Pamela B. *“Enquanto nós dormimos o alemão trabalha”*: relações entre a comunidade étnica germânica e a sociedade curitibana (1870-1917). 2009. Monografia (Conclusão do curso de História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- G(ARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- _____. Preconceitos de sangue. *História: Questões e debates*. Curitiba, vol.10, nº 19-20, p. 157-180, jun./ dez. 1989.
- GUIMARÃES, Arthur. *O allemanismo no sul do Brasil. Réplique a uma crítica paranaense*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1907.
- HEISLER, Alfredo. *Os alemães nos estados do Paraná e de Santa Catarina*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1929.
- KOTHE, Flávio R. Imigração e colonização: utopia e identidade. *Redes*, vol. 6 nº especial, maio 2001.
- KUMER, Carmem S. da F. *Discursos higienistas e surtos epidêmicos em uma cidade disciplinada, Curitiba 1890-1910*. 2004. Monografia (Conclusão do curso de História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

- LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- LINS, Augusto E. E. *Graça Aranha e o "Canã"*. Rio de Janeiro: São José, 1967.
- LORENZO, Helena C.; COSTA, Wilma P. da (Orgs.). *Adécada de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.
- LUEBKE, Frederick C. *Germans in Brazil. A comparative history of cultural conflict during the World War I*. Lousiane: Lousiane State University Press, 1987.
- LUZ, Regina M. *A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense, Curitiba 1890-1925*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- MAGALHÃES, Marionilde B. de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Unicamp, 1998.
- _____. Racismo no sul do Brasil: heranças de um mito. *Revista de História* [online]. 1994, n° 129-131, p. 165-178. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091994000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2012.
- MARCHETTE, Tânia D. *Corvos nos galhos das acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- MARTINS, Ismênia de L. *E/imigrações. Histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, p. 83-98, 1999.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- MEZZADRI, Fernando M. *A estrutura esportiva no estado do Paraná: Da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais*. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MOLETTA Jr. Celso L. *Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Coritiba Football Club (Curitiba, 1901-1915)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- NADALIN, Sérgio O. *Clube Concórdia*. 1972. Monografia (Conclusão de curso de História) - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- _____. Cidades, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba. *História: Questões e Debates*, v. 16, n° 30, p. 205-226, 1999.
- _____. A colonização alemã e os luteranos em Curitiba. *1º Ciclo do Pensamento Curitibano*, Curitiba, Paraná, v. 1, p. 47-53, 1984.
- _____. Imigrantes alemães e descendentes em Curitiba: caracterização de um grupo social. *História: Questões e debates*, n° 2, p. 23-35, 1981.
- MUNHOZ, Alcides. *O Sr. Silvio Romero e o allemanismo no sul do Brasil: o Paraná*. Curitiba : Oficinas de Artes Graphics, 1907.
- OBERACKER JR, Carlos H. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença. 4ª ed. (2ª ed. em língua portuguesa, revista e aumentada), 1985. 1º e 2º v.
- OLIVEIRA, Lúcia L. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Márcio de. Organizações sociais dos imigrantes poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938). In: HECKER, Alexandre, 2011.
- _____. Perfil ambiental de uma metrópole brasileira: Curitiba, seus parques e bosques. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n° 88, p. 37-54, 1996.

- _____. Por uma sociologia do Brasil meridional. In: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. (Orgs). *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. p. 17-30.
- PETRONE, Maria T. S. Imigração In: Fausto, B. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1978. 2º vol., tomo III, p. 93-133.
- PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.
- PIRES, Livia C. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo: ANPUH, 2011.
- POMBO, Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte/ Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: S. Terezinha, 1934.
- PORTO ALEGRE, Augusto. *A defeza da Alemanha e dos allemães do sul do Brazil*. Rio de Janeiro: Pap. e Typ. Sportiva, 1915.
- RAMOS, Jair de S. *O Poder de domar do fraco: Construção de autoridade e poder tutelar na política de Povoamento do Solo Nacional*. Niterói: EdUFF, 2006.
- _____. La construction de l'immigrant « indésirable » et la nationalisation de la politique d'immigration brésilienne. In: RYGIEL, P. (Dir.). *Le bon grain et l'ivraie*. Paris: Aux lieux d'être, 2004. p. 75-97.
- REINHARDT, Juliana C. *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- RENK, Valquíria E. Educação de imigrantes alemães em Curitiba. *Diálogo Educacional*, vol. 5, nº 14, p. 1-11, jan./abr. 2005.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência*. Curitiba: 1890-1920. 1985. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. v. I e II.
- SABÓIA, América da C. *Curitiba de minha saudade, 1904-1914*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978.
- SANTOS, Nestor V. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: PMC, 1996. Coleção Farol do Saber.
- SCHAPELLE, Bejamim F. *The German element in Brazil*. Philadelphia: Americana Germanica, nº 26. American German Press, 1917. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/17361/17361-h/17361-h.htm>
- SEYFERTH, Giralda.(1974) *A colonização alemã no Vale do Itajaí-mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento/SAB.
- _____. A Liga Pangermânica e o Perigo Alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irreduzíveis. *História: Questões e Debates*, v. 10, n. 18-19, p. 113-155, jun-dez. 1989.
- _____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3(1), p. 95-131, 1997.
- _____. A imigração e a questão racial no Brasil. *Revista da USP*, nº 53, p. 117-149, mar/maio 2002.
- _____. La inmigración alemana y la política brasileña de colonización. *Estudios migratorios latinoamericanos*, ano 10, nº 29, p. 53-74, 1995.

- SKIDMORE, Thoma. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SOUZA, Camila de C. *Casas e monstros em Curitiba, 1890-1920*. 2000. Monografia (Conclusão do curso de História) - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- SOUZA, Regina M. S. (). *Deutsche Schule: a escola alemã de Curitiba, um olhar histórico (1884-1917)*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- STOECKLING, Jules. *Les colonies et l'émigration allemande*. Paris: Louis Westssauler, 1888. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/lescoloniesetlm00stoegoog#page/> . Acesso em: 20 fev. 2012.
- SUTIL, Marcelo S. *O espelho e a miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- TOEDTEER, Norberto G. *E a guerra continua. Palco e bastidores da 2ª Guerra Mundial*. Curitiba: Ed do autor, 2001.
- TONNELAT, Ernest . *L'expansionisme allemand hors d'Europe. Etats-Unis - Brésil - Chantoung - Afrique du Sud*. Paris : Armand Colin, 1908. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/lexpansionallem01tonngoog#page/n9/mode/2up>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- TRINDADE, Etelvina M. de C. *Clotildes ou marias. Mulheres de Curitiba na Primeira República*. 1992. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VASCO, Ediméri S. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- VIGEVANI, Tulio. Interesse nacional e fundamentos da política exterior do Brasil: Ruy Barbosa e sua ação a favor da participação na Grande Guerra. *História*, v. 15, p. 13-25, 1996.
- VINHOSA, Francisco L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra mundial*. Rio de Janeiro, IHGB, 1990.
- VINOCK, Michel. *Le siècle des intellectuels*. Paris : Seuil, 1997.
- VOIGT, Andre F. *A invenção do teuto brasileiro*. 2008. Tese (Doutorado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- WAIBEL, Leo. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, [1959], 1979.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1946.
- _____. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940.

DOCUMENTOS

- PARANÁ. *Lei nº 365, de 11.04.1900*. Organiza o Sistema Estadual de Ensino. Prevê que particulares podem manter escolas. Estabelece a obrigatoriedade Do ensino em língua nacional. Curitiba: DEAP.
- PARANÁ. *Lei nº 723, de 03. 04.1907*. Organiza o Sistema Estadual de Ensino. Estabelece a obrigatoriedade do ensino em língua nacional Curitiba: DEAP.
- PARANÁ. *Lei nº 894, de 19.04.1909*. Estabelece normas de funcionamento das Escola Públicas do Paraná. Reafirma a obrigatoriedade do ensino Em língua vernácula. Curitiba : DEAP.
- PARANÁ. *Decreto nº 17, de 09.11.1917*. É o Código de Ensino, reafirma a obrigatoriedade do

202 OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante...

ensino em língua nacional, prevê aplicação de multas e fechamento de escolas que desobedece-
rem. Estabelece que o poder público deve fiscalizar os estabelecimentos de ensino particular.
Curitiba: Diário Oficial do Estado do Paraná, DEAP .

JORNAIS

Diário da Tarde

A República

Commercio do Paraná

Gazeta do Povo